

UMA ANÁLISE COMPARATIVA ENTRE *TEORIA DO MEDALHÃO* E *O
HOMEM QUE SABIA JAVANÊS*
A COMPARATIVE ANALYSIS BETWEEN *TEORIA DO MEDALHÃO* AND *O
HOMEM QUE SABIA JAVANÊS*

Verônica Franciele SEIDEL¹

Resumo: Este texto tem como objetivo apresentar uma análise comparativa entre os contos *Teoria do medalhão*, de Machado de Assis, e *O homem que sabia javanês*, de Lima Barreto. Pode-se dizer que a "teoria" exposta na *Teoria do medalhão* é demonstrada em Lima Barreto através do *O homem que sabia javanês*: um conto ensina como fazer; o outro torna evidente, na prática, o funcionamento de tal teoria. Tanto Machado quanto Lima, cada um em seu tempo, apresentam discursos irônicos, criticando os oportunistas da palavra. Cada autor, no seu estilo e no seu momento histórico, capta, interpreta, cristaliza e nos apresenta um malandro.

Palavras-chave: literatura brasileira; linguagem; retórica.

Abstract: This paper aims to present a comparative analysis between the short stories *A Teoria do medalhão*, by Machado de Assis, and *O homem que sabia javanês*, by Lima Barreto. It would be possible to say that the "theory" exposed in *A Teoria do medalhão* is demonstrated in Lima Barreto through *O homem que sabia javanês*: the first one teaches how to make; in the other becomes evident, in practice, the operation of such theory. Both of them, each in their own time, present an ironic speech criticizing the opportunists of the word, trying to capture, interpret, crystallize and present us a rascal.

Keywords: Brazilian literature; language; rhetoric.

1 Teoria do medalhão

O conto *Teoria do medalhão*, de Machado de Assis, publicado no livro *Papéis Avulsos*, em outubro de 1882, consiste em um diálogo, em que o pai chama o filho Janjão para uma conversa depois de um jantar comemorativo pela maioridade deste. A situação apresenta-se ao mesmo tempo íntima e solene, pois marca a entrada do filho na maioridade e a preocupação do pai em encaminhá-lo, no que se assemelha a uma espécie de manual de iniciação. *Teoria do medalhão*, ao sustentar a forma dialogada, move-se a todo o momento entre o que deve e o que não deve estar presente na postura do medalhão. Entretanto, esse ir e vir do pensamento não ocorre de forma linear, mas na mobilidade do discurso que, ao construir-se como um conselho, guarda em si um conhecimento calcado na experiência (ROHR, 2010).

¹ Mestranda em Letras pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), CEP: 91501-970, Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Brasil. E-mail: veronicaseidel@gmail.com.

O pai, ao iniciar a conversa, aconselha o filho a tirar o máximo de vantagens de todas as suas possibilidades e privilégios: "Mas qualquer que seja a profissão da tua escolha, o meu desejo é que te faças grande e ilustre, ou pelo menos notável, que te levantes acima da obscuridade comum" (ASSIS, 2004, p. 328). Fala, então, ao filho acerca das possíveis profissões que este poderá ter, sugerindo que a mais útil e cabida é a de medalhão: "Assim como é de boa economia guardar um pão para a velhice, assim também é de boa prática social acautelar um ofício para a hipótese de que os outros falhem, ou não indenizem suficientemente o esforço da nossa ambição" (ASSIS, 2004, p. 328).

Assim, sempre que o pai expõe algum conselho, em seguida, ele faz um julgamento crítico acerca do "real representado". Inicia pela idade que deve ter o medalhão: "Geralmente, o verdadeiro medalhão começa a manifestar-se entre os quarenta e cinco e cinquenta anos" (ASSIS, 2004, p. 329). Logo após, destaca a aparência: "o gesto correto e perfilado, o corte de um colete, as dimensões do chapéu, o ranger ou calar das botas novas" (ASSIS, 2004, p. 330). E, em seguida, aconselha sobre as atividades físicas e o comportamento esperado em público: o medalhão deve jogar bilhar, "fazer passeios nas ruas [...] com a condição de não andares desacompanhado, porque a solidão é oficina de idéias, e o espírito deixado a si mesmo, embora no meio da multidão, pode adquirir uma tal ou qual atividade" (ASSIS, 2004, p. 330). Nota-se que já não são mais conselhos, e, sim, reflexões com teor crítico da personagem/pai sobre o comportamento de parte dos cidadãos da época.

O pai discorre então sobre que tipo de ideias o filho não deve expressar para ser bem-sucedido em tal ofício:

Uma vez entrado na carreira, debes pôr todo o cuidado nas idéias que houeres de nutrir para uso alheio e próprio. O melhor será não as ter absolutamente; coisa que entenderás bem, imaginando, por exemplo, ser um ator defraudado do uso de um braço. Ele pode, por um milagre de artifício, dissimular o defeito aos olhos da plateia; mas era muito melhor dispor dos dois. O mesmo se dá com as ideias; pode-se com violência, abafá-las, escondê-las até a morte; mas nem essa habilidade é comum, nem tão constante esforço conviria ao exercício da vida (ASSIS, 2004, p. 330).

Janjão também é instruído pelo pai para utilizar em seus diálogos "locuções convencionais, fórmulas consagradas pelos anos, incrustadas na memória individual e

pública” para garantir seu lugar e seu prestígio junto da “crença nas opiniões correntes”.

A partir disso, vê no filho um possível medalhão:

-Tu, meu filho, se me não engano, parece dotado de perfeita inópia mental, conveniente ao uso deste nobre ofício. Não me refiro tanto à fidelidade com que repetes numa sala as opiniões ouvidas numa esquina, e vice-versa porque esse fato, posto indique certa carência de idéias, ainda assim pode não passar de uma traição da memória. Não; refiro-me ao gesto correto e perfilado com que usas expender francamente as tuas simpatias ou antipatias acerca do corte de um colete, das dimensões de um chapéu, do ranger ou calar das botas novas. Eis aí um sintoma eloqüente, eis aí uma esperança. No entanto, podendo acontecer que, com a idade, venhas a ser afligido de algumas idéias próprias, urge aparelhar fortemente o espírito (ASSIS, 2004, p. 331).

A personagem do pai afirma ainda que: “[...] o adjetivo é a alma do idioma, a sua porção idealista e metafísica. O substantivo é a realidade nua e crua, é o naturalismo do vocabulário.” (ASSIS, 2004, p. 335). Segundo Vital (2009, p. 89), “a palavra como ornamento, portanto, sinalizava total falta de compromisso com o significado. Sua sonoridade, seu aspecto empolado serviam tão somente como recurso, eram o código de acesso a um patamar social elevado”. As palavras devem terminar em si mesmas, em sua estilística, em seu efeito imediato, não se vinculando a nenhuma ideia de fato, como observa o pai: “Podes pertencer a qualquer partido, liberal ou conservador, republicano ou ultramontano, com a cláusula única de não ligar nenhuma idéia especial a esses vocábulos, e reconhecer-lhes somente a utilidade do *scibboleth* bíblico” (ASSIS, 2004, p. 336).

Conforme explica Cândido (1999, p. 92), “ser medalhão é atingir aquela plenitude do vazio interior que estava nas dobras da teoria da normalidade do finado Dr. Bacamarte [do conto *O alienista*]”. Popularmente, medalhão significa “aquele que ostenta muitas condecorações”. Machado de Assis teria utilizado “o termo com essa significação e também para designar um indivíduo sem talento nem originalidade, cujas condecorações provêm da habilidade de imitar o que os outros fazem por ser vazio, superficial e desprovido da capacidade de criar” (SILVA, 2003, p. 36). Machado ironiza a apropriação do ideário “moderno” importado aos pensadores europeus pelas classes sociais no poder no Brasil e por meio de tal ironia denuncia simultaneamente sua subutilização e seu mero valor ornamental:

Condene a aplicação [dos processos modernos], louvo a denominação. O mesmo direi de toda a recente terminologia científica; deves decorá-la. Conquanto o rasgo peculiar do medalhão seja uma certa atitude de deus Término, e as ciências obra do movimento humano, como tens de ser medalhão mais tarde, convém tomar as armas do teu tempo. (ASSIS, 2004, p. 333).

Assim, é possível perceber que a obra machadiana aparece como constantemente interessada e atualizada com os acontecimentos históricos e políticos de sua época, além de incisivamente crítica da elite e das relações sociais brasileiras (OLIVEIRA, 2008). Machado reconhece a prevalência da retórica vazia nas relações sociais e políticas do Brasil pré e pós-República, e se dedica a estudar e expor sua estrutura, sua mecânica, suas "regras internas", seus modelos estruturais.

No conto *Teoria do medalhão*, o narrador finge não existir, como afirmam Bourneuf e Ouellet (1976, p.108), pois “o narrador [...] esforça-se por não aparecer, por fazer esquecer de que se trata de uma narrativa”, sendo que se alternam as vozes do pai e do filho em discurso direto. Machado de Assis utiliza-se, portanto, da técnica narrativa da terceira pessoa “dramatizada”, em que, segundo Farra (1978), o autor desaparece da cena ao conservar a emissão imperceptível na terceira pessoa, conduzindo a narração por meio do diálogo. Observa-se que o conto é a própria teoria, sendo que o autor apresenta uma obra atemporal através de algo que existiu efetivamente, os medalhões, e que não se perdeu com a sucessão dos anos. Para Gai (2005, p. 73) “a obra de Machado se destaca e se atualiza pela forma ampla e incansável com que o autor registrou a experiência humana”.

2 O homem que sabia javanês

O conto *O homem que sabia javanês*, de Lima Barreto, apresenta a trajetória de um cônsul que chegou a tal posição fazendo crer a todos que sabia falar javanês. A história trata de como Castelo se tornou, efetivamente, um medalhão. Nesse conto, Castelo narra a técnica trapaceira utilizada para ensinar a língua javanesa, embora nada soubesse sobre a língua que devia ministrar. Aprendeu então o alfabeto e algumas poucas palavras em javanês, o bastante para simular - um livro escrito na língua javanesa. O "aluno", agradecido pelos ensinamentos, deixa-lhe parte da herança e Castelo passa a ser respeitado como autoridade em língua javanesa. Mais tarde, é

nomeado cônsul de Java e representa o Brasil em uma reunião de sábios; palestra e publica sobre Java no mundo inteiro.

O narrador-personagem, relembando sua conversa com o amigo Castro, conta ao leitor toda a sua história, descrevendo seus truques de esperteza para manter o status que conquistou à custa de uma farsa: “Em uma confeitaria, certa vez, ao meu amigo Castro, contava eu as partidas que havia pregado às convicções e às respeitabilidades, para poder viver” (1986, p. 4) Assim, ao lembrar o diálogo com Castro, Castelo justifica ao leitor o porquê de sua trapaça - “para poder viver, prega partidas às convicções e às respeitabilidades”. Nota-se que Castelo se firma como um hábil usuário da palavra e, oportunamente, utiliza esse poder para não perder nem tempo, nem dinheiro, desrespeitando normas éticas e morais da sociedade, justamente para se inserir nela (SILVA, 2003).

Como alerta Prado (1999, p. 148-149), a personagem Castelo representa o que Lima Barreto repudia nos seres humanos, visto que ela se destaca socialmente pelo oportunismo: “[Lima Barreto] Escritor ou homem, era especial, não admitia 'o silêncio é ouro'. Partia para o ataque direto, era inconveniente e indesejado pela chamada elite (...) para ele, acima de outras, obra superior exigia uma condição: 'a mais cega e absoluta sinceridade'”.

Em *O homem que sabia javanês*, o autor, com olhar crítico e satírico, produziu um texto que espelha as contradições da sociedade de sua época. Para Vital (2009, p. 92), “[o conto] ilustra sua conhecida aversão ao culto ao 'doutor' no Brasil de seu tempo, como também serve como comentário à sua eterna crítica à imprensa supérflua, pródiga em promover um grupo de pessoas de acordo com seus próprios interesses e sem quaisquer compromissos com a verdade”. A autora explica ainda que a forma cômica com que a crítica se apresenta no conto e as vestes metafóricas do falso professor de javanês, por sua vez, convidam a uma reflexão mais direta e contundente sobre o seu ponto de vista tantas vezes demonstrado e a uma comparação inevitável aos fatos que cotidianamente ocorriam no Rio de Janeiro ou no Brasil de então. Sem se referir a esta ou a aquela personalidade nominalmente, Lima aborda a mentalidade geral que dominava repartições de governo, instâncias burocráticas, imprensa e mesmo os seletos grupos intelectuais.

Ao contar a história como protagonista, o narrador-personagem, em *O homem que sabia javanês*, ironiza o oportunismo, declamando um discurso contrário ao do escritor que opta pela sinceridade e escreve de forma simples num momento em que a valorização da pureza da linguagem era um fator de crucial importância. Lima Barreto "cria um protagonista que não sabia javanês, mas que, por ser reconhecido como um 'exímio conhecedor da referida língua', recebe herança e honrarias", explica Silva (2003, p. 47). Dentro da ficção o escritor consegue fazer com que os detentores dos poderes político e social sejam enganados por Castelo - um verdadeiro "castelo de areia" para os defensores do purismo da língua - uma mentira linguística que a própria sociedade ajuda a criar.

3 Uma análise comparativa

A partir das análises expostas neste texto, torna-se possível estabelecer uma leitura comparativa entre o conto *Teoria do medalhão* (1882), de Machado de Assis, e o conto *O homem que sabia javanês* (1911), de Lima Barreto. Pode-se dizer que a "teoria" exposta na *Teoria do medalhão* é demonstrada em Lima Barreto por meio do *O homem que sabia javanês*: um conto ensina como fazer; o outro torna evidente, na prática, o funcionamento de tal teoria.

Tanto Machado quanto Lima, cada um em seu tempo, apresentam discursos irônicos, criticando os oportunistas da palavra. Cada autor, no seu estilo e no seu momento histórico, capta, interpreta, cristaliza e nos apresenta um malandro ou um discípulo dele: Janjão, o jovem que atinge a maioridade do século XIX, e Castelo, do início do século XX. Mudando apenas de nome e roupagem, essas personagens não deixam de ser representantes irônicos do discurso de uma sociedade que se movimenta circularmente ao gosto de determinados interesses. Falando de sujeitos que "se dão bem" ao assumirem uma posição oportunista, os narradores criticam, no plano ficcional, o oportunismo observado pelos autores no plano da realidade não ficcional (SILVA, 2003). Segundo a mesma autora, o oportunismo é o caminho que o pai, em *Teoria do medalhão*, sugere ao filho como melhor opção de vida. Assim, também Castelo é detentor da força da linguagem oportunista. Janjão é um aprendiz dessa conduta e um possível articulador dela. É esse o eixo unificador dos dois contos, o ponto do diálogo

interdiscursivo entre os textos. Janjão é o futuro orador, Castelo, o publicitário. Cada protagonista, no seu tempo histórico, recria e atualiza o poder sedutor da palavra.

É possível afirmar que, na *Teoria do medalhão*, o narrador ensina a arte de enganar, enquanto que em *O homem que sabia javanês*, Castelo conta como se põe em prática tal teoria. Desse modo, a *Teoria do medalhão* é o ensinamento por meio da hipótese, da suposição de estratégias de ascensão social, e *O homem que sabia javanês* é a aplicação desta teoria através da experiência vivida pela personagem Castelo. Conforme explica Muniz (2009, p. 82), "nos dois contos denuncia-se o gosto pelas aparências. O intelectual é dispensável, o importante é a boa lábia, a ousadia de conseguir ser vigarista, mentiroso a ponto de convencer o outro, levando assim, a pessoa ao êxito". É interessante ressaltar que, se tais narrativas fossem transportadas para o momento atual, nem o conto de Lima Barreto nem o de Machado de Assis seriam anacrônicos, já que a crítica neles apresentada faz, também, jus à sociedade atual.

Enquanto o pai do conto *Teoria do medalhão* instrui o filho a como se locomover com sucesso no labirinto de interesses e valores imposto por tal visão social, Castelo, de Lima Barreto, gaba-se de sua eficiência em lidar com essa estrutura. Ambos os contos estão impregnados do pensamento finissecular brasileiro. Enquanto o medalhão busca simular a impressão que deve causar sobre seu círculo social e dentro do qual só poderá vencer se assim proceder, Castelo é o retrato de alguém que fez de si próprio um tipo acabado de medalhão da Primeira República. Os dois contos empreendem uma tentativa de desmascarar os mecanismos de funcionamento dessa situação estabelecida como padrão social, afirma Vital (2009).

Assim, a *Teoria do medalhão* converte a malandragem em sistema. Não é apenas uma prática irrefletida, mas uma experiência que pode ser guiada pela reflexão e o cálculo. Oliveira (2008, p. 173) explica que:

No conto do javanês, a malandragem se apresenta como a experiência individual do bacharel pobre, Castelo, que vive de expedientes [...] Apesar da história de Castelo não ter a fundamentação de uma teoria e sim de uma experiência individual, torna-se muito mais evidente aqui a idéia de sistema. Castelo quase não faz nada, para atingir as culminâncias a que chega, além de aprender o alfabeto javanês [...] Castelo vive de golpe em golpe até encontrar um protetor que o insira no sistema. Como diz o pai, no conto de Machado, "a vida, Janjão, é uma enorme loteria".

A responsabilidade individual de Castelo, portanto, é muito pequena, consistindo mais na disponibilidade de aceitar o jogo.

Machado utiliza uma linguagem solene e elevada, que é o penhor do narrador elegante, educado na cultura erudita e nas finezas do comportamento em sociedade, à custa das quais conquista a identificação, quando não a simpatia dos leitores, enquanto que Lima Barreto, em um momento de apogeu da mentalidade acadêmica e da mania de purismo gramatical, destoou devido à livre simplicidade da sua escrita.

Referências

- ASSIS, M. **Contos**: uma antologia. Seleção, introdução e notas de John Gledson. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, v. 1, 2004.
- BARRETO, L. **Os melhores contos**. Seleção de Francisco de Assis Barbosa. Rio de Janeiro: Global Editora, 1986.
- BOURNEUF, R.; OUELLET, R. **O Universo do Romance**. Coimbra: Livraria Almedina, 1976.
- CÂNDIDO, A. Na noite enxovalhada. **Remate de Males**, n. 19, p. 83-88, 1999.
- FARRA, M. L. **O narrador ensimesmado**. São Paulo: Ática, 1978.
- GAI, E. T. P. Ironia, humor e conhecimento: a atualidade de Machado de Assis. In: BORDINI, M. G. et. al. **Crítica do tempo presente**. Porto Alegre: associação Internacional de Lusitanas: Instituto Estadual do livro, p. 72-80, 2005.
- MUNIZ, L. C. F. **A configuração do jeitinho brasileiro em narrativas literárias**. 2009. 123f. Dissertação (Mestrado em Leitura e Cognição) - Universidade de Santa Cruz do Sul, Santa Cruz, 2009.
- OLIVEIRA, I. T. Pensando as críticas de Lima Barreto a Machado de Assis. **Revista da ANPOLL**, v. 24, p. 159-176, 2008.
- PRADO, A. A. Lima Barreto personagem de João Antônio. **Remate de Males**, n. 19, p. 147-165, 1999.
- ROHR, C. A teoria de Machado de Assis. **Machado de Assis em linha**, ano 3, n. 5, p. 128-144, 2010.
- SILVA, C. M. C. **O narrador em contos de João Antônio**: Diálogo, experiência e discurso poético. 2003. 161f. Dissertação (Mestrado em Estudos Literários) - Universidade Estadual Paulista, Araraquara, 2003.

VITAL, S. **O medalhão que sabia javanês**: uma leitura comparativa entre Machado de Assis e Lima Barreto. *Machado de Assis em linha*, ano 2, número 3, junho, p. 85-100, 2009.